

UM DIÁLOGO ENTRE NARRATIVAS A RESPEITO DA ESCRITA NA FORMAÇÃO INICIAL DE DUAS PROFESSORAS QUE ENSINAM QUÍMICA

Cristhiane Carneiro Cunha Flôr

Luely Miguel Pereira

Resumo: Na formação inicial de professoras de química, a escrita tem um papel central e estruturador. No entanto, de maneira geral, são escritos que nos forçam mais à repetição do que a movimentos de autoria e desenvolvimento da criatividade. Os estudos da linguagem na educação científica têm possibilitado uma melhor compreensão da importância e significado da leitura e da escrita, tanto na produção do conhecimento científico quanto em seu ensino e sua aprendizagem. Diante desse cenário, no presente artigo, apresentamos uma discussão a respeito de como os cursos de graduação na licenciatura em química trouxeram a escrita em seu desenrolar e influenciaram nossas formas de escrever. A discussão é realizada a partir da elaboração de narrativas autobiográficas, entendendo a importância delas para dialogar com nossa formação inicial pensando e nos movimentos de escrita propostos nessas graduações. Consideramos que a escrita de narrativas e outras produções que promovam o movimento de autoria podem contribuir para combater a ideia de que a escrita autoral é uma prerrogativa de cursos de ciências humanas e que, nas ciências da natureza, tudo o que precisava ser escrito já o foi ou é escrito por cientistas renomadas, postos que parecem inalcançáveis à maioria das pessoas estudantes.

Palavras-chave: autoria; escrita autobiográfica; formação de professoras de química.

Abstract: In the initial training of chemistry teachers, writing plays a central and structuring role. However, in general, writing tends to lead to repetition rather than fostering authorship and the development of creativity. Language studies in science education have contributed to a better understanding of the importance and significance of reading and writing, both in the production of scientific knowledge and in its teaching and learning processes. Against this backdrop, this article presents a discussion on how undergraduate chemistry courses have integrated writing and influenced the way we write. This discussion is based on the development of autobiographical narratives, recognizing their importance in engaging with our initial training and the writing practices encouraged in these programs. We believe that narrative writing and other productions that foster authorship can help challenge the notion that authorial writing is exclusive to the humanities. In the natural sciences, there is often a belief that everything that needs to be written has already been written, or that writing is the domain of renowned scientists—a perception that can seem out of reach for most students.

Keywords: authorship; autobiographical writing; chemistry teacher education.

Introdução

Escrever um artigo sobre escritas e processos de escrita, o fenômeno observado e a forma pela qual o registraremos se encontram em seus limites, possibilidades, riscos e desafios. No jogo social, as escritas e suas muitas formas delimitam imaginários, relações de poder, formas de viver. Traremos, neste texto, discussões a respeito de como vivenciamos nossas licenciaturas em química quando olhamos os cursos nos quais nos formamos, nessas relações entre o que poderia ou não ter lido, dito, escrito.

Pensamos ser importante, a princípio, refletir sobre a escrita em si. Nem todas as culturas e sociedades adotaram e ou adotam ainda hoje a escrita alfabética como forma de registro e expressão. Além dela, podemos encontrar registros em forma de desenhos como em pinturas rupestres, pinturas corporais, toda uma cultura da oralidade, da encenação, enfim, há muitas outras formas de expressão, registro e memória adotadas pela humanidade, tanto antigamente quanto atualmente. É possível, inclusive, criticar e estranhar nossa relação com a escrita. Scheurmann (1995), por exemplo, ao apresentar o discurso de um chefe samoano a respeito dos homens brancos europeus – na obra, chamados de papalaguis – no início do século XX, e de como estes lidavam com questões relativas à informação, conhecimento e sabedoria, apresenta:

Daí porque é particularmente ruim, é nefasto que todos os pensamentos, bons e maus, sejam logo inscritos em umas esteiras finas, brancas. Então, diz o Papalagui que "estão impressos", quer dizer, o que aqueles doentes pensam é escrito por uma máquina, muitíssimo estranha, esquisita, que tem mil mãos e que encerra a vontade poderosa de muitos grandes chefes. E não é uma vez só, nem duas; mas muitas vezes, vezes infundáveis, que ela escreve sempre os mesmos pensamentos. Depois, comprimem-se muitas esteiras de pensamentos em pacotinhos, chamados "livros" que são enviados para todas as partes do país. Todos que absorvem estes pensamentos, num instante contaminam-se. Eles engolem estas esteiras como se fossem bananas doces. Levam estes livros para casa, amontoam-nos, enchem com eles baús inteiros. E todos, moços e velhos, roem-nos feitos ratos que roem cana-de-açúcar. É por isto que existem tão poucos Papalaguis capazes ainda de pensar com sensatez, de ter ideias naturais, como são as de qualquer samoano ajuizado (Scheurmann, 1995, p. 90).

O texto nos ajuda a pensar nossa relação com o mundo letrado, os objetivos pelos quais lemos, escrevemos, produzimos conteúdo escrito. Esse passo atrás, esse estranhamento, é importante para que não se perca de vista que, por mais importante que seja a cultura escrita ela é um recorte, ainda que hegemônico, de um mundo plural. Nem sempre foi assim, não é assim em todos os lugares.

Dito isto, ao elaborarmos um texto falando sobre a escrita alfabética enquanto forma de expressão e de registro em dois cursos de licenciatura em química, é importante lembrar que há um enquadramento, vindo de uma sociedade letrada, que vê na escrita alfabética um valor a ser disseminado e uma forma de poder a ser detida, compartilhada ou mesmo negada a vastas camadas da população. Vê também na educação a possibilidade de democratizar acessos ao mundo alfabetizado e letrado e, uma vez que o domínio da leitura e escrita alfabética está intimamente ligado a importantes formas de exercer poder em nossa sociedade atualmente, esta é uma questão relevante. Importa discutirmos o que lemos e escrevemos, quando, por que, para que e para quem.

Na formação inicial de professoras de química, contexto do estudo aqui apresentado, a escrita tem um papel central, estruturador. Praticamente todos os registros são feitos de forma escrita: relatórios, resenhas, notas de campo, cadernos de classe, apresentação de seminários. No entanto, no geral, escrevemos para repetir os conhecimentos que são transmitidos – apesar de não compreendermos a educação como movimento de transmissão-recepção de conhecimentos! São as relações de poder que nos forçam mais à repetição do que a movimentos de autoria, criativos. Isso não é exclusividade da formação em licenciatura em química. É um movimento da escola no geral, que se dá desde o ensino fundamental até, muitas vezes, a pós-graduação.

Azevedo e Tardelli (2011, p. 34) apontam as “escritas reprodução” priorizada pela escola aquelas que

[...] embora realizadas pelos alunos, são de tal modo conduzidas em seu processo de produção, que a margem de atuação individual praticamente desaparece. Nessa categoria se incluem as respostas dirigidas, os preenchimentos de lacunas, a formulação de questionários diversos ou de respostas a eles, paráfrases, resumos, esquemas e outros.

Os mundos e modos da escrita escolares são muitos, porém, há uma ideia enraizada de que a criação, a criatividade e a autoria são processos ligados às ciências humanas e às artes, de forma que no ensino ciências da natureza é priorizada o registro de um mundo aparentemente dado e estático. Atrela-se e dá base a essa questão uma concepção positivista de que a linguagem é apenas uma forma de codificação e decodificação do mundo natural, não tendo papel na formulação dos conhecimentos a seu respeito.

No entanto, apesar de grande parte da educação científica escolar ainda seguir esse modelo, já existem estudos da linguagem no ensino de ciências em diferentes âmbitos que trazem outras propostas de leitura e escrita. Flôr (2015), em uma pesquisa com estudantes do ensino médio em aulas de química, propôs a escrita de textos a respeito da tabela periódica a partir da leitura de diferentes versões da mesma e incentivando movimentos de escrita das pessoas estudantes para que interpretassem e refletissem sobre as mudanças sofridas pelo instrumento ao longo do tempo. A autora observou que as pessoas estudantes se apropriaram da escrita de forma autoral, escrevendo em primeira pessoa suas reflexões sobre o tema.

Cabral (2019) desenvolveu atividades escritas com pessoas estudantes de licenciatura em química em uma disciplina de estágio. O autor trabalhou com a escrita de diários de bordo, poemas, relatos, entre outros gêneros textuais, com o objetivo de pensar os conhecimentos desenvolvidos durante o estágio. O autor conclui que o trabalho com uma escrita mais autoral contribui com as reflexões e aprendizados da e sobre a docência.

Apesar de avançar lentamente, os estudos da linguagem na educação científica têm possibilitado uma melhor compreensão da importância e significado da leitura e da escrita, tanto na produção do conhecimento científico quanto em seu ensino e sua aprendizagem. Diante desse cenário, no presente artigo, apresentamos uma discussão a respeito de como os cursos de graduação na licenciatura em química que cursamos trouxeram a escrita em seu desenrolar e influenciaram nossas formas de escrever. Fazemos essa discussão a partir da elaboração de narrativas autobiográficas como forma de entendermos o mundo e a nós mesmas, entendendo a importância delas para dialogar com nossa formação inicial pensando e nos movimentos de escrita propostos nessas graduações enquanto as cursávamos.

Escrever, narrar, pesquisar

Inicialmente, pensamos ser necessário tecer algumas considerações a respeito deste estudo e as formas pelas quais optamos por desenvolver nosso texto, tendo em vista um chamado para refletir sobre “A escrita e seus mundos”. Tendo em vista a pluralidade possível nas formas e conteúdos dos artigos submetidos, o estudo que aqui trazemos caracteriza-se por fazer parte da pesquisa narrativa que utiliza a autobiografia como enfoque principal para, a partir de relatos autobiográficos, pensar nossa formação inicial em suas articulações com processos de leitura e escrita.

É importante lembrar que a abordagem narrativa na pesquisa faz parte da virada epistemológica conhecida como giro linguístico, a partir da qual a linguagem deixa de ser vista apenas como instrumento de comunicação, como uma forma de codificar a natureza e de registrar esses códigos. Ao invés disso, a partir dessa mudança, a linguagem passa a ser compreendida como mediação entre as pessoas humanas e o mundo. Bolívar, Domingo e Fernández (2001, p. 22, tradução nossa) assinalam que

No lugar de entender o eu a partir de um marco *epistêmico*, próprio da herança cartesiana, que privilegia as representações cognitivas e a racionalidade formal, o enfoque narrativo dá prioridade a um *eu dialógico* (natureza relacional e comunitária do sujeito social) onde a subjetividade é uma construção social, interativa e socialmente conformada no discurso.

Narrar faz parte da experiência humana, enquanto seres humanos, somos contadores de histórias, as colecionamos, organizamos, contamos e recontamos e, ao fazê-lo, conferimos sentido às experiências de nossas vidas. Tomamos aqui a noção trabalhada por Larrosa (2002, p. 22), para quem a experiência é aquilo que nos toca, nos atravessa.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.

Em todos os dias existem ações, atividades, afazeres que constituem nosso cotidiano. Acordamos, dormimos, trabalhamos, nos alimentamos, estudamos. Não nos lembramos de todos esses momentos diários, em todos os seus detalhes, nem teríamos como fazê-lo. No entanto, alguns nos marcam, quer seja por sua sutileza, violência, proximidade, indiferença ou tantos outros atributos. A essas marcas chamamos de experiências e contá-las e recontá-las, seja para nós mesmas ou para outros, nos permite dar sentido, compreender o que aconteceu e o lugar que toma em nossas vidas e também no coletivo. É essa a importância de narrar. Jovchelovich e Bauer (2002 p. 91) afirmam que

Na verdade, as narrativas são infinitas em sua variedade e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.

Tendo em vista que as narrativas podem variar em forma – literatura, cinema, divulgação científica, relatórios, lendas... – e função – entreter, representar, divulgar, registrar etc. – é importante delimitar a acepção de narrativas que está sendo mobilizada. Neste estudo, empregamos a ideia de autobiografia, que para Bolívar, Domingo e Fernandez (2001, p. 30, tradução nossa),

[...] representa um gênero particular dentro da narrativa (autonarrações) ou, melhor, das “escritas do eu” (memórias, diários íntimos, cartas, confissões, autorretratos, histórias pessoais etc.). No dicionário de María Moliner se diz que “é a biografia de si mesmo”, e Júlio Casares aponta que é a “vida ou história de uma pessoa escrita por ela mesma”.

A identidade autora/narradora/personagem é característica das narrativas autobiográficas e nessas “escritas do eu” aquele que vivencia também coordena, rearranja, confronta sua própria história. E a conta.

Ao narrar, damos sentido às nossas experiências, voltamos em nossas histórias de vida e avançamos no tempo, criando cenários a partir daquilo que foi narrado. E isso se faz de forma individual, mas também coletiva, pois nossa história mescla-se a todas

as outras histórias de nossa comunidade e, também, do nosso tempo histórico em uma tessitura da qual não escapamos, mas fazemos parte. Ao pensar em como vivenciamos a escrita durante a graduação, ao mesmo tempo em que falamos de nossas vivências, falamos também das perspectivas e práticas que atravessaram um tempo-espaço de formação de professoras de química.

Escolhemos a abordagem narrativa para pensar esse tempo-espaço, uma vez que esta utiliza as narrativas tanto como método quanto como fenômeno em estudo e iremos fazê-lo aqui, conforme narramos nossas experiências. Há variadas formas de trabalhar com narrativas e histórias de vida na pesquisa. Bolívar, Domingo e Fernandez (2001) apresentam os estudos Pineau e Le Grand (1993), no qual os autores se referem a três modelos: o biográfico ou relato de uma vida por outro, o autobiográfico ou relato do sujeito por si mesmo e o dialógico, de “coinvenção”. Nós, autoras, optamos por trabalhar com a coinvenção. Nesse modelo, as pessoas que atuam na escrita das narrativas fazem um trabalho conjunto sobre o enunciado, assumindo ambos a explicitação do saber implícito no texto como tarefa conjunta. Em nosso caso, não fazemos distinção de papéis, pois somos ambas pesquisadoras e também escritoras de nossas narrativas.

Nosso texto é tecido no enquadramento de um estudo mais amplo realizado durante um pós-doutoramento, entre os anos de 2023 e 2024, no qual buscávamos entender a construção da noção de autoria por meio de narrativas a respeito de experiências com leitura e escrita ao longo da vida. A abordagem metodológica foi a elaboração de narrativas autobiográficas sobre a temática. A partir daqui, optamos por apresentar dois momentos do estudo e, também, suas duas autoras.

Em um primeiro momento eu, Cris, realizando um estágio pós-doutoral, revisei minha história de vida e de escrita, dentro e fora da escola, buscando indícios de momentos e movimentos que contribuíram para a constituição da autoria. O estudo se constituiu de dois momentos distintos, os quais são relatados em Flôr (2024) e aqui trazemos o segundo momento, no qual elegi como metodologia da pesquisa a elaboração de oito narrativas, que tiveram como temas/títulos: 1) Sobre a escrita das narrativas – Apresentação; 2) Antes de mim mesma – influências sociais e familiares no gosto pela leitura e escrita; 3) Os primeiros textos, repetição e criatividade na escola básica; 4) Na graduação, um golpe na autoestima e criatividade; 5) Uma retomada durante a pós graduação – posso escrever e criar, mas dentro das normas

6) Professora Universitária: a vida acadêmica sob outro ângulo; 7) Atuação como professora Orientadora – chegando ao limite; 8) O encontro com o referencial da pesquisa narrativa: uma possibilidade?

A elaboração das narrativas autobiográficas foi feita de forma oral, gravada em áudio e depois transcrita. A oralidade foi escolhida como forma de expressão em um primeiro momento por questões de ordem prática, porém, conforme o estudo avançava, fui percebendo as questões que se levantavam entre linguagem oral e linguagem escrita, uma vez que o que pode ser dito e a forma como escolhemos relatar os acontecimentos muda dependendo de como iremos efetuar o registro. Ao fazê-lo oralmente, há menos travas, uma vez que a oralidade é mais fluida, deixa mais espaço para deslizamentos de sentidos, equívocos, idas e vindas sobre um mesmo tema, repetições. Após ler as transcrições, resolvi não fazer correções ou mudanças, sendo o resultado muito próximo da linguagem oral.

Elaboradas as oito narrativas, em um segundo momento as apresentei à leitura para diferentes pessoas e grupos, de forma a compreender como as minhas experiências tocavam, se entrelaçavam, encontravam eco ou afastamento nas experiências dos outros. Buscava aproximar o olhar dessa tecitura a respeito de leituras, escritas e autorias. Nessa busca por interlocutores, apresentei as narrativas ao grupo DiCiTE (Discursos da Ciência e da Tecnologia na Educação – PPGECT/UFSC) e, entre tantos retornos, Luely me chamou para pensarmos juntas nossas experiências, uma vez que temos a mesma formação inicial na licenciatura em química, embora em contextos diferentes – universidades, currículos, tempos históricos e tempos de vida. Escolhemos então conversar, principalmente, a partir da leitura feita por Luely da narrativa 4, “Na graduação, um golpe na autoestima e criatividade”. Esta narrativa trata de minhas experiências de leitura e escrita como graduanda em um curso de licenciatura em química em uma Universidade Federal no estado de Santa Catarina, entre os anos de 1991 e 2002.

E aqui eu - Luely, entro. Estar em contato com os registros autobiográficos da Cris, me trouxe um misto de curiosidade e reconhecimento. Lendo-a, fiz uma viagem pela minha história de vida e de escrita. Meu interesse pela escrita, nossa formação inicial, os possíveis impactos da graduação sobre o ato de escrever, este movimento de reconstruir memórias e, porventura, encontrar alguém que vivenciou situações semelhantes, me motivaram a escrever também. Além disso, em consonância com

meu período de vida atual, licenciada em química e em processo de construção do ser e se reconhecer professora, o caderno tem sido um espaço de autodescobertas. Isso me trouxe para esta experiência de escrever histórias sobre mim.

Para elaborar as narrativas, optei por um processo simultâneo de leitura e escrita. Retornei às narrativas da Cris e, durante a leitura, as lembranças surgiam. Iniciei um trabalho de vasculhar a memória, buscando conexões e mais detalhes sobre minhas histórias. Então, por exemplo, lendo a narrativa 3, “Os primeiros textos, repetição e criatividade na escola básica”, retomei este mesmo tempo de vida e resgatei momentos de leituras e escritas ou meus sentimentos em relação a eles. Lia, parava, pensava sobre minha relação com aquele texto. As narrativas foram construídas por meio da escrita. Neste processo, busquei registrar os pensamentos por escrito tal como surgiam em minha mente, com o mínimo de alterações, tentando manter as características da oralidade. Embora tenha retornado aos meus escritos posteriormente, não fiz alterações ou complementações. A narrativa escolhida para elaborar este texto foi construída a partir das vivências de leituras e escritas enquanto graduanda em uma Universidade Federal no estado de Minas Gerais, entre os anos 2018 e 2023.

A proposição de um diálogo

Escritas as narrativas, iniciamos um processo de diálogo a partir das mesmas, buscando as confluências, similaridades e distanciamentos nas experiências que tivemos enquanto graduandas nas licenciaturas em química que cursamos. Não chamaremos este tópico de análise de dados, uma vez que reconhecemos que o conhecimento é construído e não está dado no mundo. A perspectiva narrativa engloba diferentes formas de trabalhar com o material construído e optamos por colocar em diálogo nossas narrativas, uma vez que na proposta de escrita trabalhamos em coinvenção, ao trazer esses escritos para a construção do conhecimento, optamos por uma perspectiva dialógica sendo nós, autoras, interlocutoras na busca por sentidos para a escrita nas licenciaturas em química que cursamos. Diante disso, apresentaremos, a seguir, nosso diálogo a partir da leitura mútua das nossas narrativas. Para melhor compreensão desse diálogo, colocaremos

as escritas em forma de uma conversa, identificando quem está falando no momento: Cris ou Luely.

Nossa conversa...

Luely: A dinâmica de ler e reconhecer a narrativa de outras professoras de química possibilita observar aproximações em nossas formações, relacionando leituras e escritas durante este percurso. A partir da leitura das narrativas da Cris, relembrei momentos e experiências com a leitura e escrita, buscando reconstituir o caminho que me levou do desejo de ser uma escritora a uma graduanda com pavor em escrever um trabalho acadêmico.

Cris: Penso que esse seja um dos principais ganhos com a escrita e leitura de narrativas. Ao contarmos, nos inventamos, olhamos nossa história e projetamos futuros possíveis, mas também entramos no tecido mais amplo dos discursos a respeito dos temas que abordamos em nossas narrativas como, nesse caso, a escrita na academia e seus potenciais para a autoria. Diferentemente de Luely, não entro na graduação com pavor de escrever um trabalho. A escrita para mim, naquele momento, era algo tranquilo. Ainda não tinha sido apresentada aos gêneros acadêmicos, e escrever resenhas e relatórios estava fora de minhas reflexões, então, não via problemas. O problema viria depois.

Luely: Ao longo do nosso percurso escolar/acadêmico, somos “convidadas” a escrever, muito associado à práticas avaliativas. Os cursos de graduação em química são constituídos de aulas práticas e experimentais, que envolvem a frequência a um laboratório e a elaboração de um relatório como uma forma de registrar, interpretar e avaliar as atividades desenvolvidas neste espaço. Cabral (2019) salienta que os relatórios experimentais podem conferir determinada rigidez nas formas de escrever, visto que exige uma estrutura própria da escrita acadêmica, dificultando relações intertextuais.

Ao ingressar neste curso, aprendemos, primeiramente, a adequar a nossa escrita a um padrão, composto por uma estrutura fixa com um modo impessoal de escrita, podendo causar um apagamento da autoria. Os processos de escritas tornam-se, em certa medida, difíceis e dolorosos, sem lugar para desenvolver a criatividade.

Nisso, aprendi a me retirar da minha escrita. Diante disso, houve um período em que eu acreditei que não sabia escrever e pior, que não gostava disso.

Cris: No meu caso, a graduação representou um golpe na autoestima. Eu reprovei praticamente em todas as disciplinas do primeiro semestre, e isso refletiu fortemente na maneira como eu me enxergava enquanto estudante. Se na educação básica eu havia sido um destaque pelas boas notas, na graduação eu era um fracasso e me sentia dessa forma. Quando Luely fala sobre a impessoalidade da escrita como a forma acadêmica, e em como esse modo de escrever gerou nela a ideia de que não sabia escrever, vejo que passamos por experiências semelhantes. Experiência no sentido de Larrossa (2002), como aquilo que nos atravessa, nos passa e marca. A impessoalidade é um dos pilares que sustentam os fazeres e saberes nos cursos de ciências da natureza. Uma suposta impessoalidade que tem como consequência o abandono da criatividade em prol da repetição. Somos incentivadas a apenas reproduzir o que já está posto, afinal, a partir desse ponto de vista a ciência é inquestionável.

Luely: Ao iniciar as disciplinas pedagógicas, houve um novo tensionamento com a escrita: a impessoalidade devia ser deixada de lado e outras estruturas foram sugeridas. Em um primeiro momento, a mudança mais evidente na rotina de estudos foi a leitura, pois as disciplinas forneciam textos distintos daqueles mais utilizados nas disciplinas específicas da química. Em seguida, a necessidade de produção de um trabalho me causou uma paralisia, sensação de mãos amarradas incapazes de elaborar um texto que não fosse um relatório técnico. Esse novo modo de escrever me provocava a conhecer outras fontes de leituras e autoras e dialogar com elas. Esses distanciamentos entre o desenvolvimento e discussões de questões da linguagem nas disciplinas pedagógicas e nas disciplinas técnicas também foram observados no trabalho de Cabral e Flôr (2017). Além disso, o modelo da racionalidade técnica, muito presente nos cursos de formação inicial de pessoas professoras, influenciando nos movimentos de leitura e escritas de licenciandas (Gonçalves; Fernandes, 2010).

Apesar disso, a leitura e escrita compõem um espaço de produção de sentidos (Cabral, 2019), podendo, inclusive, auxiliar nos processos de reconhecimentos de ser autora e ser professora. Após o primeiro choque com a escrita nas disciplinas pedagógicas, comecei a me dedicar aos processos de escrita, inspirada também na

literatura (não acadêmica), buscando minha própria forma de escrever... buscando-me. Uma das formas de exercícios encontrada foi inserir a escrita como um hábito cotidiano, principalmente, a partir ato da adoção de um caderno como um diário. Inicialmente, foi difícil enfrentar a busca pela perfeição na escrita, ainda moldada pela racionalidade técnica, mas quanto mais eu escrevia, mais eu queria escrever.

Este exercício foi fundamental na elaboração de trabalhos futuros.

Cris: A vivência das disciplinas pedagógicas foi diferente para mim, pois, no início dos anos 2000 ainda vigorava o ensino tecnicista, visando o aprendizado de conteúdos nas universidades e sua “aplicação” nas escolas. As disciplinas pedagógicas traziam esse conteúdo a ser verificado e reproduzido nas escolas e, como conteúdo inquestionável, as escritas relacionadas a eles eram resumos, resenhas e provas. Não fui chamada, pelo que me lembro, a escrever textos de autoria própria a respeito dos temas desenvolvidos, muito menos a propor reflexões ou críticas. Meu desafio era outro: querendo opinar e criar, não podia.

Luely: Durante uma disciplina de Estágio, escrevi um relatório sobre minhas experiências em sala de aula, incluindo as discussões sobre a atuação de uma professora reflexiva, abordadas nos momentos teóricos da disciplina. Ainda, a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso envolveu o tensionamento entre as diferentes formas de escrever nas disciplinas pedagógicas e específicas. Ambos os trabalhos foram bem avaliados. Mais do que a nota atingida com eles, o que mais me marcou foi o processo de reconhecimento de autoria. Neles, me reconheci como a autora do trabalho, deixando fluir minhas reflexões e diálogos com outras formas de textos, exercitando a criatividade.

Cris: Para mim, a abertura para uma escrita mais autoral aconteceu em uma disciplina no último semestre, da qual não me recordo o nome, mas que pedia um ensaio final sobre um livro que escolhesse. A possibilidade de escolher o livro já foi para mim uma grande abertura, e eu escolhi um livro sobre a história da ciência, que mudou minha visão sobre o empreendimento científico. A escrita do ensaio seguiu os moldes acadêmicos da impessoalidade, das citações pontuando o texto. No entanto, pude expressar minhas descobertas e, com elas, entender que o mundo da ciência não era estático, mas tinha uma história. Ao escrever esse ensaio, aprendi muito e aprender também é um ato criativo!

Algumas considerações a respeito de nossas escritas

Escrever na perspectiva da pesquisa narrativa se mostrou uma mudança na forma de conceber o conhecimento que, enquanto autoras, apreciamos muito. Como dissemos no início, refletir sobre a escrita de forma escrita propõe desafios, pois não temos um jeito apenas de escrever, na verdade temos escritas. Por isso, a temática do número especial – A escrita e seus mundos – nos instigou tanto. Precisamos fazer escolhas sobre autoria, escrita acadêmica, escrita impessoal, e nesse cenário trabalhar com pesquisa narrativa auxiliou muito, pois esta propõe uma mudança epistemológica, no sentido de compreender que o conhecimento é produzido por e para pessoas humanas. E isso não o desmerece nem tampouco desqualifica enquanto conhecimento.

Relendo nossas narrativas e colocando-as em diálogo, percebemos que as propostas de escritas em cursos de licenciatura em química, pensando a formação de professoras que ensinam química na escola, mudaram ao longo do tempo. Se por um lado, nas disciplinas específicas continuam as provas e relatórios predominando nas propostas, levando a movimentos de repetição, por outro lado, nas disciplinas pedagógicas houve alguns avanços, no sentido de propor escritas mais reflexivas e autorais. Vemos que isso representa um grande desafio pois, em um primeiro momento somos incentivadas a nos retirar dos textos para, depois, assumir sua autoria. Ainda há muito que avançar no sentido de propor escritas reflexivas e criativas nesses cursos, mas os avanços se mostram animadores.

Pensamos que a escrita de narrativas, relatos de experiências, textos reflexivos e produções autorais podem contribuir muito para combater a ideia de que a escrita autoral é uma prerrogativa de cursos de ciências humanas e de que, nas ciências da natureza, tudo o que precisava ser escrito já o foi, ou é escrito por cientistas renomados, postos que parecem inalcançáveis à maioria dos estudantes. Essas escritas também podem promover o trabalho com a criatividade, em oposição à repetição priorizada nesses contextos.

Referências

AZEVEDO, C. B; TARDELLI, M. C. Escrevendo e falando na sala de aula. In:

CHIAPPINI, L. (Org.) **Aprender e ensinar com textos de alunos**. 7. ed. . São Paulo. Cortez Editora, 2011.

BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M. **La investigación biográfico-narrativa en educación: enfoque y metodología**. Madrid: La Muralla, 2001.

CABRAL, W. A. **Leitura e escrita na formação inicial de professores de química: articulações com a perspectiva do letramento científico**. 2019. 244 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2019.

CABRAL, W. A.; FLÔR. C. C. Movimentos de leitura e escrita na disciplina de Estágio Supervisionado em Química em uma universidade pública de MG. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS*, 11., Florianópolis, 2017. **Anais...** Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://www.abrapec.com/enpec/xi-enpec/anais/resumos/R1697-1.pdf>. Acesso em: 10 maio 2020.

FLÔR. C. C. Movimentos de repetição na formação de leitores em aulas de química no Ensino Médio. *In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED*, 37., Florianópolis, 2015. **Anais...** Florianópolis, 2015.

FLÔR. C. C. 1. Mo(vi)mentos em busca da construção da noção de autoria na pesquisa autobiográfica. *In: X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, 2024, Salvador-BA, 2024. Anais do X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, 2024. p. 1-4. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/congresso-brasileiro-de-pesquisa-autobiografica-395675/>. Acesso em: 10 maio 2024.*

GONÇALVES, F. P; FERNANDES, C. S. Narrativas acerca da prática de ensino de Química: um diálogo na formação inicial de professores. **Química Nova na Escola**. São Paulo. v. 32, n. 2, p. 120-127, 2010.

JOVCHELOVICH, S.; BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. *In: Bauer M. W., Gaskell G. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, abril, p. 20-28, 2002.

SCHEURMANN, E. **O Papalagui**: comentários de Tuiavil, chefe da tribo Tiávea nos mares do sul. Imperatriz, MA: Ed Marco Zero, 1995.

Notas sobre as autoras

Cristhiane Carneiro Cunha Flôr

Cris Flôr, mãe do João Pedro, professora no Departamento de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Sou licenciada em Química pela Universidade

Federal de Santa Catarina - UFSC e em Pedagogia pela Universidade Metodista de São Paulo. Fiz mestrado, doutorado e pós-doutorado em Educação Científica e Tecnológica pela UFSC. Este ano completo 33 anos de docência tendo atuado no ensino fundamental e, ensino médio tanto na rede pública quanto na rede particular de Santa Catarina. Meu interesse de estudos é centrado principalmente em leitura e escrita em aulas de ciências, de química, e na formação de professoras. Atualmente, estudo narrativas autobiográficas e também decolonialidade.

Luely Miguel Pereira

Luely Pereira, filha de Clarice, é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT-UFSC) da Universidade Federal de Santa Catarina, licenciada em Química pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e técnica em química pela Escola Técnica Estadual Conselheiro Antonio Prado (ETECAP). Foi estudante intercambista no Instituto Politécnico de Setúbal. Ao longo de sua trajetória acadêmica, atuou em laboratórios de pesquisa e de ensino e em grupo de extensão.